

ENTREVISTA | TIZUKA YAMASAKI

REALIZADORA

‘Quero morrer num set de filmagem’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Com projetos das mais variadas naturezas para tirar do papel, Tizuka Yamasaki embarca hoje numa cruzada para restaurar sua obra-prima, o épico “Gaijin” (1980), exibido na Quinzena de Cannes e na Berlinale. A repercussão mundial dessa produção, combinada com sua fortuna crítica das mais invejáveis, deveria lhe abrir portas. Não bastasse a consagração, os números falam pela artista. Ela assinou a direção de muito blockbuster ao longo de uma carreira perfumada a cifras altas na venda de ingressos. Nascida em Porto Alegre (RS), em 1949, com raízes japonesas bem fincadas na terra, passou parte da vida em solo paulista, estudou na Universidade de Brasília (UNB) e formou-se na Universidade Federal Fluminense (UFF) em Cinema. Deu seus passos profissionais iniciais em trabalhos variados de assistência em sets regidos por titãs do Cinema Novo (Nelson Pereira dos Santos e Glauber Rocha). Passou pelas equipes de “O Amuleto de Ogum” (1974) e “A Idade da Terra” (1980) antes de migrar para o comando de produções tamanho G.G. Radicada hoje em Atibaia (SP), ela soma seis títulos no rol das 200 maiores bilheterias nacionais, contabilizadas de 1970 aos dias atuais. Seu maior êxito: “Lua de Cristal” (1990), chicletinho que foi “O” filme da infância e da adolescência de parte considerável desta nação, celebrizado pela venda de 4.178.165 tíquetes ao som da canção homônima em que Xuxa fazia “glu-glu” para Sergio Mallandro. Foi com ela que Renato Aragão voltou a filmar, em 1997, após um hiato de seis anos longa da telona. Atraíram multidões com “O Noviço Rebelde”.

Lotando salas a granel, entre a década de 1980 e o início dos anos 2010, os filmes de Tizuka pavimentaram um veio comercial exitoso (sempre com rotas autorais abertas) pra força criativa feminina deste país mobilizar postos de direção e desafiar sexismos históricos. Uma recente homenagem à sua obra no Festival de Inverno de Campina Grande (PB) fez o cinema rediscutir sua relevância. No eixo da autoralidade, ela deu à imigração japonesa um tratamento de saga histórica, num par de longas-metragens da grife “Gaijin” (primeiro, o colosso “Os Caminhos da Liberdade”, e depois, o doce “Ama-me Como Sou”), ambos coroados com o Kikito de Melhor Filme no Festival de Gramado, em 1980 e 2005. Além das tramas sobre o êxodo nipônico, inspiradas pelo fluxo de seus parentes da Ásia ao Brasil, Tizuka sempre foi craque em debater a coragem de mulheres que dizem não à opressão do machismo. Cabem aí tanto a Rainha dos Baixinhos de “Xuxa Requebra” (tufão pop do verão de 1998 para 99, visto por 2.046.033 pagantes) quanto a professora e poeta Anaíde Beiriz (1905 — 1930), retratada pela diretora, com o apoio de uma Tânia Alves em erupção de talento, no belo “Parahyba Mulher Macho” (1983), cuja venda de entradas foi aquecida pelo interesse de 1,1 milhão de espectadores.

Faz tempo que Tizuka não lança um longa em tela grande. Teve “Encantados” no Festival do Rio de 2014 e emplacou “1817: A Revolução Esquecida”, em duo com Ricardo Favilla, há nove anos. No meio do caminho, não desgrudou da caça aos editais, mas estes nem sempre são justos com artistas do quilate dela, que fez História.

Neste momento em que a produção brasileira mais esperada pelo mercado é dirigida por uma cineasta de apelo popular (“Minha Melhor Amiga”, de Susana Garcia), Tizuka faz um balanço do que é ter um filme a caminho dos multiplexes e avalia uma trajetória que segue no gerúndio.

Como você avalia o espaço para o seu cinema hoje no audiovisual brasileiro, com toda a relevância do seu trabalho sobre grandes representações femininas e sobre miscigenações entre culturas? Seis das 200 maiores bilheterias brasileiras de todos os tempos são suas e, ainda assim, seu último longa tem dez anos. O mercado hoje está aberto à sua ótica popular?



Aladim Monteiro/Divulgação

Tizuka Yamasaki — Talvez dez anos seja muito tempo entre um filme e outro, mas eu sempre levei muito tempo para fazer um filme depois do outro. Trabalhei bastante com filmes históricos, épicos. Eu já dizia lá atrás que levava dez anos para conseguir dirigir, levantar o dinheiro, e mais dez anos para botar o filme na lata. São filmes caros, por isso levam muito tempo. No meio do caminho, fui aceitando algumas encomendas, como os filmes da Xuxa, o filme do Renato Aragão, o “Aparecida — O Milagre”, do Paulo Thiago. Isso ia permitindo

levar adiante outros projetos enquanto eu batalhava para conseguir o restante do dinheiro para terminar meus filmes. Foi o que aconteceu com “Encantados”, “Gaijin — Ama-me como Sou”, “Gaijin — Os Caminhos da Liberdade”, “Parahyba Mulher Macho”. Estou mais ou menos acostumada com essa demora.

Falando em “Gaijin — Os Caminhos da Liberdade”, há planos de relança-lo, dentro ou fora do Brasil, ainda este ano?

Estamos em conversa com a

Cinemateca Brasileira e avaliando também possibilidades de patrocínio em outros lugares para restaurar a cópia do primeiro “Gaijin”. Ela precisa ser recuperada: a pista de som está muito ruim e as imagens estão manchadas. Estamos batalhando para viabilizar esse trabalho. Hoje, quando o mundo — principalmente a Europa — vive novamente um conflito em torno da imigração, acho que seria um filme muito bom para refletir sobre o assunto. Vamos ver o que acontece. Acredito que, a qualquer momento, possamos conseguir.